

O Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek: considerações a partir de experiências e trajetórias militantes entre 2015-2018

Juliano Zancanelo*
Laira Lucia dos Santos Silva**

Resumo

Em comemoração aos 60 anos da Faculdade de Serviço Social da UFJF, este trabalho objetiva socializar o recente percurso histórico-político que o Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek (DAPJS) vem construindo. Para tal, utilizamos de análise documental do livro de atas da entidade, assim como as nossas próprias experiências e trajetórias enquanto ex-militantes do DAPJS subsidiaram a construção desse trabalho. O período da história do Diretório Acadêmico que abordamos se refere ao espaço de tempo entre 2015 e 2018 – período em estivemos ativamente organizados no DA. Esse resgate da recente história do Movimento Estudantil na Faculdade de Serviço Social da UFJF aborda tanto o desenvolvimento das atividades e ações do Diretório Acadêmico como as disputas, divergências e tensionamentos políticos no interior da entidade.

Palavras-chave: movimento estudantil; diretório acadêmico; militância.

The Academic Directory *Padre Jaime Snoek*: considerations based on experiences and militant trajectories between 2015-2018

Abstract

In commemoration of the 60th anniversary of the Faculty of Social Work of the UFJF, this work aims to socialize the recent historical-political course that the Academic Directory *Padre Jaime Snoek* (DAPJS) has been building. To do this, we use documentary analysis of the entity's minutes book, as well as our own experiences and trajectories as former DAPJS militants subsidized the construction of this work. The period of the history of the Academic Directory that we address refers to the time span between 2015 and 2018 - the period in which we were actively organized in the DA. This rescue of the recent history of the Student Movement in the Faculty of Social Service of the UFJF addresses both the development of the activities and actions of the Academic Directory as well as disputes, divergences and political tensions within the entity.

Keywords: student movement; academic directory; militancy.

Enviado em: 12/12/2018
Aprovado em: 22/12/2018

* Assistente Social pela UFJF. Mestrando no PPGSS/UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: julianozancanelo@gmail.com

** Graduando em Serviço Social pela UFJF. Bolsista do CNPq. Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: laira-15@live.com

Introdução

O presente artigo busca apresentar elementos acerca do Movimento Estudantil de Serviço Social, precisamente em relação ao Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek (DAPJS). Para isso realizamos um breve resgate histórico do Diretório Acadêmico, a partir de nossas experiências e trajetórias enquanto ex-militantes dessa entidade estudantil em questão. Em meio às comemorações no ano em que a Faculdade de Serviço Social (FSS) da Universidade Federal de Juiz de Fora completa seus 60 anos, acreditamos que esse singelo trabalho expressa boa parte das ações do Movimento Estudantil no cotidiano da Faculdade nos últimos anos – afinal, o movimento estudantil também é um dos componentes que dão vida à FSS.

A partir de revisão bibliográfica e análise documental do livro de atas do DAPJS (2014–2018), realizamos tanto uma contextualização histórica do Movimento Estudantil de Serviço Social, destacando sua organização e atuação, bem como algumas limitações frente os desafios conjunturais e particulares ao Diretório Acadêmico.

Partindo da análise de Ramos (1996), compreendendo o Movimento Estudantil (ME) enquanto uma expressão dos movimentos sociais e que possui sua atuação política não se restringindo aos espaços institucionais, mas para além – nas demais esferas sociais – compreendemos sua atuação cotidiana marcada pela disputa de projetos distintos. Nesse sentido, buscamos conduzir a reflexão da importante contribuição histórica do Movimento Estudantil de Serviço Social no horizonte de compromisso com a classe trabalhadora, na projeção uma nova sociabilidade.

Nesse cenário de disputas e correlação de forças políticas e ideológicas, segmentos dos movimentos sociais (MS) identificados com um ideário emancipatório, assumem um papel de destaque na implementação de lutas sintonizadas com o ideal de transformação societal. Nesse sentido, os MS, e entre eles o ME, consistem em espaços de organização, participação e ação coletiva, potencialmente favorecedores da materialização de uma ação política transformadora do status quo, mediante o desenvolvimento de lutas e atividades direcionadas para defesa de interesses que exprimem os valores e princípios que norteiam as ações desses sujeitos. Valores que majoritariamente se colocam no campo de negação das relações mercantis dominantes. (CAVALCANTE, 2009, p. 26)

Uma sintética contextualização histórica do MESS

O Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS) se constitui enquanto um movimento social que se insere nas questões mais gerais do Movimento Estudantil (ME), possuindo suas particularidades no âmbito da formação profissional em Serviço Social. Ou seja, atua em diversos aspectos gerais do ME, mas também se caracteriza como Movimento Estudantil de Área. É através do MESS que grande parte dos estudantes de Serviço Social tem a possibilidade de se organizar politicamente para contribuir no direcionamento ético-político e teórico-metodológico da formação acadêmica e profissional em Serviço Social.

Segundo Netto (2015), durante o movimento de renovação crítica do Serviço Social no Brasil, o Movimento Estudantil exerceu importante papel de contribuição crítica, negando as perspectivas tradicional e conservadora na profissão – articulando-se com outros sujeitos sociais coletivos que também atuaram nesse importantíssimo processo para a ressignificação do Serviço Social brasileiro. O MESS desempenhou – e ainda desempenha – uma função de extrema relevância para o fortalecimento do direcionamento da concepção crítica da profissão, compreendendo que por mais que o Serviço Social é transpassado pela contradição entre capital e trabalho, o polo do trabalho nessa relação contraditória deve ser potencializado (IAMAMOTO e CARVALHO, 2014).

Os/as estudantes possuem papel fundamental no processo de organização política da categoria profissional e, há longas datas, vem contribuindo para a (re)construção do Serviço Social no cenário brasileiro. São estes sujeitos que colaboram na reafirmação e defesa dos valores éticos e políticos hegemônicos da categoria, se colocando na contramão dos ideários concernentes ao projeto neoliberal e neoconservador, os quais também estão presentes no corpo profissional. (MOREIRA, 2017, p. 132)

O Movimento Estudantil de Serviço Social articulado diretamente com experiências populares de natureza religiosa progressista, por meio, principalmente, da Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC), Movimento de Educação de Base (MEB) e Ação Popular (AP) fez com que estudantes de Serviço Social dessem início às contestações sobre a formação profissional ainda conservadora no período que antecede o golpe civil militar de 1964. (PINHEIRO, 2010 apud MORAES, 2014, p.34)

Muitos desses estudantes engajados com a luta política dos movimentos populares e religiosos progressistas, depois de formados, entraram para a docência e se tornaram uns dos

primeiros profissionais a contestar fortemente o tradicionalismo e o conservadorismo no Serviço Social.

A vida e obra da professora Marilda Yamamoto é um exemplo elementar deste processo. [...] as reflexões teóricas de Yamamoto fazem parte do segundo tempo histórico de construção da perspectiva Intenção de Ruptura (o primeiro é a experiência belorizontina). Suas reflexões, por conseguinte, estão calcadas nas suas experiências vividas através da militância na esquerda católica. No campo do Serviço Social, a resistência à ditadura não passou essencialmente pelo Partido Comunista ou por sua influência: deveu-se – especial, mas não exclusivamente – às lutas de companheiros da esquerda católica. Marilda Yamamoto, por exemplo, (e poderia citar muitas companheiras mais), vem da esquerda católica. Eu diria que a presença dos comunistas no Serviço Social foi, até então [anos 1980], uma presença residual. (NETTO, s/d, s/p apud MORAES, 2014, p.56-57)

A partir da década de 1970, com o contexto do endividamento externo do Brasil pautado no processo da modernização conservadora, isto é, com a crise do “milagre econômico” junto ao decréscimo do controle ditatorial, há um propício cenário para se redefinir a correlação de forças sociais no país, a começar com o retorno mais intenso dos movimentos sociais na arena política. Nesse contexto, no âmbito da renovação crítica do Serviço Social brasileiro, o Movimento Estudantil de Serviço Social organizou em 1978 o I Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESS) na Universidade Estadual de Londrina, elegendo como tema a realidade brasileira. (BRAZ; MATOS, 2008)

Em 1979, no marco episódico de intenção de ruptura com o conservadorismo no Serviço Social brasileiro, o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, as entidades estudantis de base do Serviço Social contribuíram pra que o processo desenvolvido naquele espaço se expressasse no caminho de ressignificação da profissão no Brasil. Destacamos que o MESS desempenhou importante papel crítico em tal caminho de questionamentos, rejeitando as perspectivas tradicional e conservadora da profissão.

De acordo com Doria (2007), ainda no final de 1970, foi criada uma comissão nacional estudantil para impulsionar a operacionalização da articulação política entre os estudantes assim como para organizar o II ENESS, ocorrido em Salvador – BA. Nesse caminho, a reflexão estudantil acerca da formação profissional ainda vigente pautava-se na perspectiva de rompimento com o conservadorismo. Posteriormente, ocorreu o histórico III ENESS, com a temática “Serviço Social, Formação Profissional e Intervenção na Realidade”, vislumbrando a construção de uma nova proposta de currículo mínimo. Assim, percebe-se o protagonismo do MESS frente à reforma curricular, como explicita Paula (2003):

No 1º Seminário Nacional de Formação Profissional, (...), os estudantes criaram uma Campanha Nacional pela Formação Profissional, tendo como tema “A Gente Não Quer Só Canudo”. (...) a campanha tomou corpo e se concretizou a elaboração de um anteprojeto pela reestruturação da formação profissional do assistente social no Brasil. (PAULA, 2003, p. 68)

Também, o movimento estudantil foi marcado pela criação das executivas de curso no país, sendo debatida em 1981 a constituição da Subsecretaria de Serviço Social na UNE (SESSUNE), se inserindo organicamente nos espaços da União Nacional dos Estudantes. Com o afastamento da UNE do movimento estudantil de área, em 1993 se consolidou o fim da SESSUNE e a criação da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) – independente da UNE. (PAULA, 2003)

Segundo Duriguetto (2007) apud Rezende (2018), ocorre na década de 1990 no Brasil uma generalização do neoliberalismo que se expressa no desmonte do Estado via redução de sua intervenção e regulação econômica e social com viés privatizante. Mesmo com a complexidade da conjuntura desfavorável para a classe daqueles que sobrevivem através do próprio trabalho, algumas investidas do capital se defrontam com a resistência dos setores populares, como exemplo das lutas por moradia, por reforma agrária, por serviços públicos universais e de qualidade. Nesse contexto, as entidades estudantis do Serviço Social – orientadas pelas ENESSO – se unificaram politicamente com os setores resistentes nas lutas sociais contra os ataques do grande capital, a exemplo das lutas contra o sucateamento das universidades públicas brasileiras. Conforme Paula (2003), para além das lutas exógenas, o Movimento Estudantil de Serviço Social se envolveu ativamente na elaboração do Código de Ética Profissional de 1993, bem como das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996, e contribuindo historicamente na construção do projeto ético-político da profissão a partir de suas ações críticas e posicionamentos combativos.

Já nos anos 2000 em diante – especialmente no período dos primeiros governos do PT – a militância do MESS e as organizações da classe trabalhadora enfrentaram grandes desafios e contradições – tanto no que se refere a cooptações de lideranças assim como ao processo de certo apassivamento das lutas em detrimento dos interesses dominantes expressados nas ações do governo. Nesse sentido, tem-se uma desmobilização estudantil e o acirramento de divergências e disputas no interior do MESS a partir do campo da própria esquerda. Com a entrada de novos atores políticos na disputa pela direção social do MESS – como militantes do PSTU, PSOL e PCB – observa-se uma retomada mais intensa do caráter combativo e

crítico da ENESSO e suas entidades de base, no seio de uma hegemonia crítica no Serviço Social brasileiro.

A inserção desses partidos políticos no MESS e, principalmente, a disputa de hegemonia dos mesmos no processo de direção do movimento, indicam a perspectiva crítica presente no MESS, pois estes partidos se afirmam como aliados à classe trabalhadora. (SILVA, 2011, p. 94)

Conforme Silva (2011, p.110), apesar dos desafios conjunturais contemporâneos, se expressando, por exemplo, na maior precarização do ensino superior, o Movimento Estudantil de Serviço Social se mantém resistente frente aos ataques do grande capital e como também das tentativas reducionistas de compreensão do Serviço Social. Mesmo com as debilidades que o MESS vem enfrentando, ressaltamos que após o golpe parlamentar-institucional-midiático de 2016 – com a queda da Presidenta Dilma Rousseff – a ENESSO e as entidades de base do MESS vem na contra mão da conjuntura propondo espaços de rearticulação estudantil, prezando pela unidade entre as forças progressistas da esquerda brasileira.

Breves considerações acerca do Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek na atualidade (2015-2018)

O Movimento Estudantil na Faculdade de Serviço Social da UFJF se expressa no curso da história através do protagonismo político de estudantes a partir do Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek (DAPJS). Por isso, consideramos a importância de coletivizar – por intermédio de nossas experiências e trajetórias enquanto membros do DAPJS – o contexto atual da vida política dessa entidade estudantil. Salientamos a contínua necessidade de registrar academicamente as contribuições do Diretório Acadêmico (DA) para a grandiosa memória da Faculdade de Serviço Social. Afinal, o DA se constitui enquanto sujeito coletivo partícipe da comunidade acadêmica de tal instituição de ensino e formação profissional.

Ao analisarmos o livro de atas do Diretório Acadêmico (2014-2018), constatamos que no ano anterior a 2015 a gestão do DA foi eleita por uma chapa única mesmo havendo diferenças políticas entre os membros da gestão. No entanto, no início do ano de 2015 a correlação de forças no interior do Movimento Estudantil na Faculdade de Serviço Social se acirrou devido às divergências de dois grupos políticos de esquerda – um localizado no campo democrático popular e outro na “esquerda radical”. A partir desse cenário, a continuidade de uma gestão unitária no Diretório Acadêmico não pôde ser efetivada. Assim que foi aberto o processo eleitoral para a gestão 2015/2016 conformaram-se duas chapas: a chapa 1 “Que a

Universidade se Pinte de POVO”, encabeçada por membros do Levante Popular da Juventude (LPJ) mas composta por diversos estudantes de todos os períodos da Faculdade, que totalizavam 40 integrantes; e a chapa 2 “O nosso sonho não faz silêncio”, organizada por militantes do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e demais estudantes de Serviço Social, que totalizavam 11 integrantes.

A campanha desse processo eleitoral foi marcada por uma forte politização dos estudantes no que tange a luta organizada do Movimento Estudantil na defesa de uma educação pública, gratuita, presencial e de qualidade. Mesmo com as divergências das chapas, foi realizado um amplo trabalho de base em detrimento da eleição – o que se espalhou para o resto do ano através de atividades promovidas pelo Diretório Acadêmico em articulação com outras entidades do movimento estudantil da UFJF e movimentos populares. Recordamos que o que deram a tônica da campanha eleitoral foram tanto reivindicações locais como pautas nacionais, a exemplo: maior articulação entre os Centros e Diretórios Acadêmicos da UFJF; ativação da moradia estudantil; aumento quantitativo e do valor das bolsas da política de permanência estudantil; melhores condições de infraestrutura das bibliotecas e salas de aula; questões relacionadas ao estágio profissional; defesa do tripé ensino, pesquisa e extensão; 10% do PIB para a educação pública; mais verbas para Plano Nacional de Assistência Estudantil; articulação nas lutas contra os cortes de direitos da classe trabalhadora, principalmente em relação aos cortes na educação pública implementados pelo ajuste fiscal do Governo Dilma; dentre outras.

O resultado da eleição se deu com a vitória da chapa 1, com 126 votos, contra 41 votos para a chapa 2. Uma semana após a homologação do resultado eleitoral a nova gestão do Diretório Acadêmico foi empossada em uma cerimônia organizada pelos próprios estudantes no auditório da Faculdade de Serviço Social. Destacamos a presença significativa do conjunto dos estudantes em tal atividade – o que simboliza o período de forte mobilização estudantil na Faculdade ao longo dos anos de 2015 e 2016.

Aproximadamente, um mês após a posse da nova gestão do DA, o cenário de atrasos nos pagamentos das bolsas e auxílios da política de assistência estudantil da UFJF configurou um quadro político de mobilização do Movimento Estudantil em toda a Universidade. Vale lembrar que, conforme a ATA nº 253 do Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek (2015), o cenário caótico vivenciado na UFJF não era algo isolado ao contexto nacional. Diversas outras Universidades Federais também passavam por dificuldades orçamentárias, rebatendo

diretamente em prejuízos para a política de permanência estudantil em todo o Brasil. Segundo o Jornal Mensal da ADUFES (maio/junho, 2015), no primeiro semestre daquele mesmo ano era anunciado pelo Governo Dilma Rousseff um ajuste fiscal das contas públicas que se expressou em um grande ataque às Universidades Públicas. Sem contar que antes mesmo da sinalização do ajuste fiscal de cunho neoliberal o Ministério da Educação já havia estabelecido limites em relação às verbas das Instituições de Ensino Federal, correspondente à 1/18 avos do orçamento por mês.

Algumas semanas após o governo autodenominar-se “Pátria Educadora”, Dilma anunciou o bloqueio de R\$ 69,9 bilhões do Orçamento Geral da União como parte do ajuste fiscal para equilibrar as contas públicas. A educação amarga uma das maiores perdas: R\$ 9,42 bilhões. Na saúde, o corte foi de R\$ 11,77 bilhões. (Jornal Mensal da ADUFES, maio/junho 2015, p.1)

Em uma conjuntura de restrições orçamentárias somada à má gestão da então Administração Superior da UFJF, um dos primeiros reflexos dessa situação foi o ataque à política de permanência estudantil da Universidade. O que provocou uma série de prejuízos para boa parte dos estudantes. Diversos estudantes da UFJF, em especial grande parte dos estudantes do curso de Serviço Social, já sinalizavam a impossibilidade de continuarem com suas atividades acadêmicas devido à “crise” na política de assistência estudantil. Um número significativo de discentes estava sem receber bolsas e auxílios há mais de um mês, o que não os permitia ao menos custear transporte para a UFJF e/ou pagar aluguel de suas moradias.

Diante esse cenário de ataque à permanência dos estudantes na Universidade o Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek em articulação com outros DA’s e CA’s da UFJF, como o Centro Acadêmico (CA) do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e CA do Instituto de Artes e Design, se reuniram para planejarem coletivamente intervenções políticas de denúncia pública do que vinha acontecendo na UFJF, com objetivo de reivindicar os interesses dos estudantes. Nessa reunião entre as entidades estudantis foi encaminhada a realização de assembleias nos cursos de modo a mobilizar a base dos estudantes. Concomitantemente, foi marcada uma reunião entre os estudantes e a Reitoria da UFJF para esclarecimentos. Nessa reunião, como não houve garantia, por parte da Administração Superior, de que as pautas estudantis fossem atendidas, o prédio da Reitoria foi ocupado com apoio massivo dos estudantes. Desse episódio deu-se início o movimento OcupaUFJF – movimento planejado e construído estrategicamente por diversos Centros e Diretórios Acadêmicos.

A primeira assembleia estudantil foi realizada pelos estudantes da Faculdade de Serviço Social, a qual contou com a presença de 128 estudantes, conforme consta na ATA nº 257 do DAPJS (2015). Durante a assembleia geral dos estudantes de Serviço Social os membros do DA realizaram uma breve análise de conjuntura, a qual tratou tanto de elementos a nível nacional como das particularidades da UFJF. Abrindo-se para o debate diversos estudantes fizeram uso da palavra e expuseram suas inquietações. O clima de dificuldades objetivas de boa parte dos estudantes em prosseguir com as atividades acadêmicas do semestre se expressou na proposta de uma paralisação estudantil até que a UFJF normalizasse o pagamento das bolsas e auxílios de assistência estudantil. A proposta de paralisação estudantil por parte do corpo discente da Faculdade de Serviço Social foi deflagrada com 118 votos favoráveis, 7 contrários e 3 abstenções. Ao longo das intervenções dos estudantes foram propostas outras pautas reivindicatórias, sendo todas aprovadas coletivamente, as quais seguem:

Pela permanência dos/as estudantes na Universidade. Que todo/toda estudante com renda per capita de até 1,5 salário mínimo tenha direito de receber o apoio estudantil, de acordo com os próprios critérios do PNAES, e que não se realize o “ranking” da pobreza; Pela desburocratização do acesso ao apoio estudantil, tornando os editais mais claros e realizáveis; Pela ampliação imediata do quadro de assistentes sociais, via concurso público em médio prazo. E como medida emergencial que esse quadro seja preenchido via modo de contratação temporária com salários estipulados a partir da tabela de honorários do trabalho das/os assistentes sociais presente no link http://www.cress-mg.org.br/Menu/Tabela_de_Honorarios; Pela ativação da moradia estudantil; Por uma UFJF mais transparente, com orçamento participativo; Criação de um fórum permanente de segurança, que garanta treinamento humanizado aos trabalhadores da segurança. E pelo desarmamento da segurança no campus; Em defesa dos direitos da classe trabalhadora, e contra os ataques que nossa classe vem sofrendo, apoiamos a greve dos TAE's. (DAPJS ATA nº257, 2015, p.1)

A mobilização dos estudantes de Serviço Social com aprovação de paralisação estudantil – chamada pelos estudantes de “greve estudantil” – influenciou na movimentação de outros cursos que também deliberaram paralisações estudantis posteriormente, inclusive com suporte de membros do Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek. Paralelo a isso, o movimento de ocupação do prédio da Reitoria conquistava visibilidade pública e política. Inúmeros estudantes permaneciam resistentes, negociando incansavelmente com a Administração Superior da UFJF a desocupação do prédio. Alguns estudantes de Serviço Social, membros do DAPJS, estiveram ativos em quase todas as comissões da ocupação, dando-se destaque para a participação na comissão de negociação.

Após dezesseis dias de resistência o prédio da Reitoria foi desocupado mediante a vitória do Movimento Estudantil em conquistar tanto o pagamento emergencial das bolsas de assistência estudantil como o comprometimento, por parte da Administração Superior, de atender diversas reivindicações do movimento de ocupação, como a criação de duas comissões: uma para reelaborar a política de assistência estudantil na Universidade; e outra para tratar de assuntos relativos à ativação da moradia estudantil; – ambas comissões com representação discente. Membros do DAPJS estiveram ativos nas duas comissões supracitadas, sendo eleitos pelo conjunto de CA's e DA's através do Conselho de Centros e Diretórios Acadêmicos da UFJF.

Como a reivindicação principal referente à paralisação estudantil dos estudantes de Serviço Social foi atendida através do pagamento de bolsas em caráter emergencial, o conjunto de estudantes do curso deliberou em assembleia geral o fim da paralisação e a retomada das atividades acadêmicas.

A luta em defesa da permanência estudantil e o protagonismo dos membros do Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek em tal processo deu folego para que o DA conseguisse continuar desenvolvendo atividades políticas com a base dos estudantes, tanto no interior da Faculdade de Serviço Social como no movimento geral da UFJF. Aquela luta reivindicatória possibilitou o fortalecimento da legitimidade política do DA perante os estudantes, além de ter contribuído significativamente para que os estudantes reconhecessem a necessidade da luta coletiva em detrimento de reivindicações individuais. Conforme Duriguetto e Montañó (2011), quando indivíduos se relacionaram através de uma situação reivindicatória comum, pode ser desenvolvida nesses sujeitos uma consciência à nível econômico-corporativo, ou seja, passam a perceber a situação de luta como situação coletiva, comum à aquele grupo. Portanto, consideramos que o processo de luta construído pelo conjunto dos estudantes, mesmo que no plano imediato, colaborou pra a maior participação da base estudantil nas posteriores ações políticas desenvolvidas pelo Diretório Acadêmico.

Posteriormente, o DAPJS se constituiu enquanto uma das principais referências para o Movimento Estudantil da UFJF no que tange sua capacidade de mobilização e articulação política. Como até o final de 2016 o Diretório Central dos Estudantes (DCE) estava sem gestão devido a uma fraude eleitoral ocorrida no ano de 2014, o Conselho de Centros e Diretórios Acadêmicos (CONCADA) elegeu representantes do Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek – conjuntamente com membros de outras entidades estudantis de base – para

assumirem competências do DCE, como as representações estudantis no Conselho Superior da UFJF e no Conselho Setorial de Graduação.

Particularmente em relação ao âmbito da Faculdade de Serviço Social, o Diretório Acadêmico também se mostrava ativo na construção de ações junto à base dos estudantes, proporcionando formação política e ocupando as instâncias institucionais de representação discente – o que se manteve até meados do início do primeiro semestre de 2018. Salientamos algumas ações do DA merecedoras de destaque, como: a reativação do Conselho de Representantes de Turma (CORETUR) em 2015 – o qual começou a ser convocado duas vezes por semestre no decorrer dos anos; a promoção da semana de recepção de calouros, conhecida como a “calourada do DA”, a qual objetiva o acolhimento dos novos estudantes no sentido de oferecer apoio para as questões da vida acadêmica assim como introduzi-los no cotidiano político do Movimento Estudantil; a manutenção permanente do Mural do DA, atualizando-o com informativos e propagandas de lutas sociais; a criação do Cine-Marx em parceria com a Professora Luciana Paula – o qual permaneceu no cotidiano de atividades da entidade como um cine-debate fomentador de reflexões críticas e de formação política; e a realização de oficinas de agitação e propaganda, de modo a preparar a intervenção dos estudantes do curso para mobilizações e atos públicos. Além disso, o DAPJS também contribuiu, entre 2015 e 2017, na construção das Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária na UFJF, dentre outras ações.

O ano de 2016 foi marcado pela sobreposição das ações mais externas ao cotidiano da Universidade em relação às atividades promovidas pelo Diretório Acadêmico. Nesse período, os membros do DA canalizaram suas intervenções a nível municipal, fazendo-se presentes em fóruns e conferências, inclusive atuando enquanto delegados no Fórum Municipal de Políticas Públicas para a Juventude e na Conferência Municipal de Políticas Públicas para as Mulheres. Com propostas em relação ao debate sobre a violação de direitos das mulheres em detrimento das relações patriarcais e de gênero na sociedade capitalista, uma militante do Diretório Acadêmico foi eleita para as etapas estadual e nacional da Conferência de Políticas Públicas para as Mulheres, podendo socializar com outros sujeitos o acúmulo político que a entidade estudantil da Faculdade de Serviço Social da UFJF vinha construindo coletivamente. Além disso, o Diretório Acadêmico compôs a Comissão Político Pedagógica do “Curso Realidade Brasileira a partir dos Grandes Pensadores” – um curso planejado e executado para a formação política de militantes de movimentos sociais como sindicatos, partidos de esquerda,

associações de moradores, movimentos rurais, grupos comunitários, entidades estudantis e demais sujeitos coletivos da classe trabalhadora.

Também, os membros do DA estiveram presentes em atos públicos de denúncia das retiradas de direitos da classe trabalhadora, a exemplo das mobilizações contra a proposta de emenda constitucional que apresentava o congelamento dos investimentos nas áreas sociais – como saúde e educação – por vinte anos (PEC 241). Assim como, essa entidade estudantil expressou posicionamento firme contra o golpe institucional-parlamentar-midiático que depôs a Presidenta Dilma Rousseff, convocando a base dos estudantes para mobilizações em defesa da democracia e contra o avanço da direita golpista. E posteriormente, o Diretório Acadêmico auxiliou na construção de atos políticos que reivindicavam a cassação do mandato parlamentar no então Presidente da Câmara Federal, Deputado Eduardo Cunha. Além disso, o DAPJS esteve presente em atividades contra o avanço da imposição do pensamento único e conservador na educação, expressado pelo denominado “escola sem partido” – uma nítida investida reacionária de imposição da censura ao pensamento crítico e criativo.

Enquanto espaço organizativo e deliberativo a nível local, destacamos a realização dos Encontros Locais de Estudantes de Serviço Social (ELESS), organizados pelo Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek e com pontuais contribuições de estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Salgado de Oliveira (Universo), tendo em vista os dificultadores impostos aos estudantes da iniciativa privada. O ELESS é um espaço de articulação e diálogo entre a base dos estudantes, com o objetivo de organizar as demandas, necessidades, desafios e possibilidades no que se refere à luta política do Movimento Estudantil de Serviço Social. Nesse encontro estudantil, de caráter local, são discutidas desde questões relacionadas à formação profissional e particularidades da cidade como também debates mais amplos sobre conjuntura e direcionamento político do MESS. Conforme o livro de atas do DAPJS, os temas dos encontros locais entre 2015 e 2018 foram: XVII ELESS – “O sucateamento das Universidades Públicas e o processo de mercantilização da educação em tempos de acirramento das políticas neoliberais” (2015); XVIII ELESS – “A intensificação das retiradas de direitos e o Serviço Social: desafios contemporâneos na crise do capital” (2016); XIX ELESS – “A pós-modernidade e os chamados novos movimentos sociais: uma análise marxista” (2017); XX ELESS – “Movimento Estudantil: uma luta sem memória corre o risco de ver esvaziado o seu sentido” (2018).

Durante o XVIII ELESS o conjunto de estudantes participantes do evento deliberou em plenária final a reinserção do DAPJS na Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO). Isso se expressou na eleição de um secretário de escola e no maior contato dos estudantes de Juiz de Fora com o Movimento Estudantil de Serviço Social, tanto a nível regional como nacional. Foi então que o Diretório Acadêmico voltou a mobilizar os estudantes para os eventos da ENESSO, participando de Encontros Regionais, do XL Encontro Nacional, e do XL Conselho Nacional de Entidades Estudantis de Serviço Social. Inclusive, o XL Conselho Regional de Entidades Estudantis de Serviço Social da região V foi sediado na UFJF e organizado pelo DAPJS, em 2017.

O ano de 2017 para o Diretório Acadêmico foi caracterizado pela alteração na correlação de forças políticas no direcionamento da entidade. Militantes do Levante Popular da Juventude, que até então construíam o DA trilharam alguns caminhos que refletiram na perda de hegemonia política do LPJ na gestão da entidade: uns se formaram; outros de se afastaram do cotidiano do DA; e alguns romperam politicamente com o LPJ, desde o ano de 2016, mas permaneceram construindo o Diretório Acadêmico. Vale ressaltar que o Levante Popular da Juventude tinha forte hegemonia na direção do DAPJS durante 2015, no entanto, sofreu uma “baixa” em 2016, e em 2017 já não influenciava politicamente na direção do Diretório Acadêmico. Com a formação de uma nova chapa para a gestão de 2017/2018 um grupo de estudantes que não era vinculado à organizações políticas – incluindo os ex-militantes do LPJ – propuseram uma gestão ampla, e com isso, militantes da União da Juventude Comunista (UJC) se somaram em unidade com os estudantes que já vinham construindo o Diretório Acadêmico. Uma chapa única se formou, e a nova gestão do DAPJS foi eleita – gestão “Sem Movimento não há Liberdade”.

Até o final de 2017 as rasas diferenças políticas entre os membros da gestão do Diretório Acadêmico não impedia a construção unitária. Pelo contrário, o coletivo da gestão do DAPJS se mostrava coeso e combativo. Ao longo dessa gestão foram construídas ações internas e externas. Segundo as atas do DAPJS do ano de 2017, após o seminário de avaliação e planejamento de gestão do primeiro semestre do ano – o qual ocorria no começo e no final de cada semestre – os membros do DA incorporaram novas ações no cotidiano da entidade, como: a participação, enquanto representação discente, nas comissões de trabalho do Conselho Regional de Serviço Social – 6ª região Seccional Juiz de Fora; a criação do “Jornal do DA”, impresso e entregue a todo o corpo discente da Faculdade; a participação no

programa de visitas da UFJF, recebendo estudantes do ensino médio para apresentar-lhes o curso de Serviço Social e socializar experiências enquanto Movimento Estudantil; e a proposição para a Coordenação de curso de aplicação semestral de uma avaliação pedagógica, a qual o DA poderia contribuir. Além disso, foram desempenhadas atividades políticas como: a construção de atos públicos em conjunto com demais movimentos populares e sindicais da cidade contra as medidas do ilegítimo Governo Temer, especialmente em relação às contrarreformas trabalhista e da previdência social; a promoção de campanhas pela visibilidade lésbica e de comemoração da luta latino-americana e caribenha pela descriminalização do aborto; a realização de denúncia pública endereçada ao Ministério Público e ao Conselho Municipal de Diretos da Criança e do Adolescente sobre o cometimento de crime de racismo e intolerância por parte de um conselheiro tutelar da cidade – o qual foi afastado do cargo após a repercussão do caso; e a composição nas mobilizações contra o aumento da tarifa do transporte coletivo – participando da ocupação do prédio da Câmara Municipal da cidade, enquanto ato de resistência ao aumento abusivo.

Já o ano de 2018 foi demarcado por um certo retrocesso em relação à intervenção política do Diretório Acadêmico no cotidiano do Movimento Estudantil. Mesmo com a permanência de algumas atividades, avaliamos que as ações do DA foram se enfraquecendo diante de alguns fatores. A conjuntura de debilidades para a organização e mobilização dos movimentos sociais da classe trabalhadora, de fato, foi um desses fatores. No entanto, questões internas potencializaram as dificuldades surgidas ao longo do ano. Destacamos o acirramento das divergências políticas no interior da gestão da entidade, as quais, em certa medida, impossibilitaram o desenvolvimento qualitativo das ações do Diretório Acadêmico. Enquanto marco episódico de desabrochamento das divergências entre os membros da gestão do DA, consideramos o debate sobre a desvinculação da entidade de um movimento social chamado Movimento por Universidade Popular (MUP) – debate que foi iniciado no final da gestão de 2017/2018 e finalizado no processo de conformação de chapa para a gestão 2018/2019. Como alguns membros – os quais não estavam inseridos em outras organizações políticas – avaliaram que a inserção do DAPJS no MUP se deu de maneira “atropelada”, ou seja, sem o devido debate necessário. Eles reivindicaram que a discussão fosse pautada, até mesmo, para melhor compreensão do coletivo a cerca do papel do Diretório Acadêmico dentro de outro movimento social.

Alguns membros do DA e militantes da UJC – organização hegemônica no Movimento por Universidade Popular – apresentaram discordância no que tange o debate em relação à desvinculação do Diretório Acadêmico do MUP. Inclusive, já demonstravam posição favorável a permanência do DA na construção do movimento social em questão. No entanto, o grupo que reivindicou a discussão sobre tal situação, junto com outros membros da entidade e militantes do Movimento Correnteza, não concordou com a permanência do DAPJS no MUP, pois consideravam que por ser uma entidade o Diretório Acadêmico não deveria construir organicamente um movimento social que se propunha a ter caráter de massa, tendo em vista a importância da independência política do DA – o que não eliminava a parceria do DA com o MUP e outros movimentos em processos de lutas sociais. Sem contar, que a decisão que levou o Diretório Acadêmico a compor o MUP não tinha sido apreciada e deliberada pelo conjunto da base dos estudantes, assim como ocorreu no XVIII ELESS com a aprovação de reinserção do DAPJS na ENESSO. Como não houve consenso sobre esse debate, e a totalidade do grupo estava junta em uma chapa única para gestão 2018/2019 do DA, houve uma votação e no caso decidiu-se pela não construção orgânica do MUP por parte do Diretório Acadêmico – sendo 12 votos contrários à permanência do DA no MUP contra 4 votos favoráveis. (DAPJS ata nº 313, 2018, p.1)

Mesmo com tal debate encerrado as divergências políticas na gestão do DAPJS não foram superadas. O que provocou disputas internas constantes pelo direcionamento da entidade. Devido os tensionamentos e desgastes políticos, alguns membros, até então ativos no Diretório Acadêmico, foram se retirando da gestão ao longo do tempo – gerando consequentemente um enfraquecimento da gestão.

A partir desse cenário de tensionamentos e intensificação das divergências políticas, a vida política do Diretório Acadêmico foi prejudicada, se expressando, por exemplo, na frágil mobilização estudantil para participação no XX ELESS e, consequentemente na baixa participação discente em tal evento organizativo do MESS local.

Acreditamos que mesmo a conjuntura, somada às atuais particularidades do Diretório Acadêmico, apresentando debilidades organizativas e políticas a essa entidade em questão, não podemos perder de vista que “[...] embora, muitas vezes, não enxerguemos a linha do horizonte por causa da neblina, ela está lá, em algum lugar. Para vê-la precisamos continuar caminhando.” (PAULA, 2003, p.126).

Considerações Finais

Conforme Moreira (2017), a organização política dos estudantes de Serviço Social, por meio do MESS, constitui-se enquanto componente significativo no processo histórico de renovação crítica da profissão no Brasil – contribuindo com as lutas e resistências no interior do Serviço Social. Inclusive, o Movimento Estudantil de Serviço Social se constrói e se renova cotidianamente em articulação com os processos reivindicatórios que extrapolam o Serviço Social, se localizando nas trincheiras das lutas gerais da classe trabalhadora.

Verificamos, então, que o ME e o Serviço Social possuem, em comum, o compromisso político com os segmentos majoritários da população. Compromisso este que se gesta no dia-a-dia das discussões em sala de aula, nos encontros estudantis, nas mobilizações de rua, nas assembleias e, principalmente, nas alianças que o movimento estabelece com outros sujeitos coletivos. Compromisso que é impulsionado pelo horizonte da emancipação humana. Pois só ele pode antecipar, em forma de projeção, a sociedade futura que queremos construir. (PAULA; DURIGUETTO, p. 198, 2006).

Não distinto do contexto mais amplo do MESS, consideramos que a história do Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek nos afirma o seu compromisso político com a classe trabalhadora. O DAPJS, ao longo dos últimos anos, se mostrou combativo e crítico em suas ações, contribuindo para a reafirmação de uma formação acadêmico-profissional crítica assim como esteve presente nos processos de lutas sociais para além do âmbito universitário, tornando públicas e políticas as diversas expressões da questão social. Essa postura política construída pelo Diretório Acadêmico, em nossa avaliação, está diretamente ligada à formação teórico-política que a Faculdade de Serviço Social da UFJF proporciona aos seus alunos – uma formação que permite a percepção do movimento do real a partir da totalidade social e de análises sócio-históricas. Também, as experiências advindas do Movimento Estudantil melhor qualificam nossa formação profissional. Portanto, avaliamos que o diálogo entre uma boa formação teórica e a participação ativa no Movimento Estudantil possibilita dialeticamente uma formação acadêmico-profissional crítica e criativa – como acontece na Faculdade de Serviço Social ao longo de sua grandiosa história.

Assim como descrevemos neste trabalho, nos últimos anos o Diretório Acadêmico vem passando por momentos em que a disputa por sua direção é acirrada devido o alargamento de divergências políticas entre os seus membros. Conforme Netto (2015), o pluralismo – diferentemente de ecletismo – é algo necessário e que deve ser cultivado tendo em vista a importância das diferenças para uma construção democrática e crítica. No entanto, quando as

divergências transitam para o campo antidemocrático e sectário o diálogo é certamente impossibilitado. Por isso, avaliamos que mantendo-se o respeito à diversidade de ideias e a observação de um horizonte comum, as divergências políticas no campo democrático podem rumar para um caminho que aponde a necessidade de unidade política.

Como sabemos, o movimento estudantil é caracterizado pela transitoriedade rápida de seus quadros. Por isso enxergamos a formação contínua de novos quadros como um desafio a ser enfrentado pelo Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek. E para isso, a proximidade com a base dos estudantes deve ser retomada, sendo possível o recrutamento de novos estudantes para as fileiras do DA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAZ, Marcelo; MATOS, Maurílio Castro de. 30 anos de rearticulação do Movimento Estudantil em Serviço Social. *Serviço Social e Sociedade*, n. 96, p. 174-182, 2008.

Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek (DAPJS). *Livro de atas (nº 257 – nº 336). 2014 – 2018*. Faculdade de Serviço Social – UFJF. Acesso em: Novembro de 2018.

DORIA, André Luiz Novais. *Resgate histórico da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social: história de luta e organização política do movimento estudantil*. ENESSO, 2007.

IAMAMOTO, Marilda Villela e CARVALHO, Raul de. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. 41.ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

Jornal Mensal da ADUFES. “Fique por dentro! Cresce a luta contra o corte de verbas na educação!”. Associação dos Docentes da Universidade Federal do Espírito Santo (ADUFES) – Seção Sindical do Andes-SN. Vitória – ES. Edição nº49, maio/junho de 2015.

MORAES, Mays Vieira de. *Diálogos sobre educação popular e Serviço Social no Brasil: a perspectiva crítica no século XX*. PPGSS – Escola de Serviço Social / UFRJ. Rio de Janeiro – RJ, 2014.

MOREIRA, Tales Willyam Fornazier. O protagonismo do movimento estudantil de serviço social brasileiro: contribuições para a (re)construção da profissão. *Revista Universidade e Sociedade*. ANDES-SN, p. 128-141. Janeiro de 2017.

NETTO, José Paulo. *Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. São Paulo: Cortez. 17.ed. 2015.

PAULA, Luciana Gonçalves Pereira de. “SE MUITO VALE O JÁ FEITO, MAIS VALE O QUE SERÁ...” *Movimento Estudantil de Serviço Social: Caminhos Históricos e*

Contribuições na Formação Profissional. Monografia – Faculdade de Serviço Social/UFJF. Juiz de Fora – MG, 2003.

PAULA, Luciana e DURIGHETTO, Maria Lucia. Um convite à Rebeldia: Movimento Estudantil de Serviço Social no Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoeck – Faculdade de Serviço Social / UFJF. In: *Libertas*. v. 6 e 7, nº 1 e 2.. Juiz de Fora – MG. 2006. p. 149 a 172.

REZENDE, Juliano Zancanelo. *A relação do Serviço Social com os movimentos e lutas sociais: contribuições históricas para a ruptura com o conservadorismo da profissão no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Serviço Social – UFJF, 2018. 90 f.

SILVA, Andréa Alice Rodrigues. *Movimento Estudantil de Serviço Social e partido político na contemporaneidade: contradições no período do governo Lula (2007/2010)*. PPGSS – Centro de Ciências Sociais Aplicadas / Departamento de Serviço Social – UFP. Recife – PE, 2011.